

O CONFLITO DAS GERAÇÕES

FERNANDO BASTOS DE AVILA, S. J. _____

Rio de Janeiro

Today's youth makes an exhilarating experience as if it were surf-riding on the crest of ocean waves which divide two cultures, two civilizations, perhaps two eras of the history of mankind. But deep down in their hearts young adults are scared. The conflict between generations which today shakes up the very foundation of our society differs from the experience of mankind throughout the ages — generation gap and tensions between younger and older generations — by a new characteristic element: the breakdown of values. As a result, the dialogue between generations faces unsurmountable obstacles and blockades on account of the missing common denominator, to which generations in the past could refer. How did this come about? Some would explain the issue of violence and protest on the part of the young radicals in terms of a gradual spread from a superficial level, such as fashions and the use of jargon, to a deeper level though rebellion against norms of behavior and values cherished by society in which they grew up. Others would account for the seismic movement of dissenting youth as a sudden reversal caused by the collapse of their own values which in its turn led to the breakdown of all sorts of social structures.

An analysis of the causes which generate the conflicts between generations should start from the goal which lies no more in a distant future but hastens more speedily than ever its arrival in time. In other words, the unfolding of social processes does not develop through intermediate stages in time, but happens today where present and future times become one. There ought to be distinguished between determining causes and aggravating factors.

The first cause is a general permissiveness in the way children are educated today by parents and teachers. This rests on an unqualified application of the Freudian theory on education that seeks to prevent the youngsters

from becoming inhibited in the display of all their feelings. Needless to say, such an attitude leads to an abdication of the educator's authority and the responsibility of the older generation towards the younger.

The second cause consists in the cultural gap; while adults shape their life style on the principles of rationality and logic, the younger generation is at home in a world of acoustic and tactile impressions. As a result, there is no common language in which they could communicate with each other.

Some of the aggravating factors are: the impact caused on the young adults by ideologies of radical confrontation for which they are not sufficiently prepared; hypocrisy shown in the discrepancy between what the parents avow as their values and their actual behavior; institutionalization of hypocrisy in the establishment with which the older generation identifies itself.

The key to solving these conflicts is communication, the art of engendering openness between generations by means of a frank dialogue and discovery of values common to both of them.

O conflito das gerações, que me proponho analisar, não é um fenômeno exclusivo de nossa época. Uma vasta literatura, como uma simples retrospectiva sobre nossa própria experiência, atestam que entre as gerações jovem e adulta sempre houve desencontros, tensões, hiatos mais ou menos profundos. A recorrência constante do fenômeno talvez se prenda ao fato da absoluta incomunicabilidade da sabedoria, entendida em termos da experiência acumulada numa vida humana. Cada geração jovem pretende aprender por experiência própria o que a sabedoria da geração adulta poderia transmitir-lhe, a custos mais baixos de sacrifícios e desilusões. É o que de certo modo se fixou melancolicamente no di-

tado francês: "si jeunesse savait, si vieillesse pouvait!". Acontece, porém, que o jovem não sabe ainda, e o velho não pode mais.

Conquanto fenômeno constante na passagem das gerações, o conflito parece assumir hoje uma característica própria que o investe de uma trágica originalidade: é um conflito, uma ruptura que desceu até ao nível profundo dos valores. Rompeu-se o denominador comum de valores ao qual podiam recorrer as gerações passadas para a composição dos seus conflitos. Havia valores comuns aceitos pelas partes que permitiam dirimi-los em última instância. Hoje, os jovens contestam valores fundamentais sem os quais parece impossível à

geração adulta qualquer convívio humano. Rompido o denominador comum, torna-se difícil, se não impossível, o diálogo entre as gerações, que só é viável através da referência a uma transcendência inquestionável. Daí a situação sentida no seio mesmo de tantas famílias, pela qual se compra uma aparente paz familiar mediante o acordo tácito de não se abordarem assuntos sérios.

Fenomenologia do conflito

Colocado o problema, caberia agora formular a questão: como se chegou a tal situação?

Duas interpretações poderiam ser examinadas: uma primeira que chamaria de **gradualista**, e uma segunda que chamaria de **sísmica**.

Conforme a primeira interpretação, o processo se terá desenvolvido gradualmente, percorrendo as seguintes etapas.

De início, a contestação situou-se no plano mais superficial das **convencões sociais**. Os jovens partiram em guerra contra o que chamam de **convencionallismos** da sociedade burguesa e resolveram causar impacto recorrendo a formas bizarras na maneira de se vestir, de falar, de usar os cabelos... O que se convenciona de denominar de regras de urbanidade e de bom tom, com um sabor de "belle époque", os jovens se comprazem em demolir acintosamente. Fonte de atritos iniciais, essas formas de contestação fúteis

e efêmeras, como as modas, vão sendo progressivamente aceitas, e, não de raro, mesmo adotadas por parte daqueles que os jovens apelidam de "quadrados". Porque os jovens de hoje já estão em outra.

Mas já então a contestação se deslocava para um plano mais profundo, onde investia contra os padrões de comportamento. São eles as formas dotadas de uma certa estabilidade, de controle social, pelas quais o grupo mantém sua identidade consigo mesmo através do tempo. São as formas que presidem, por exemplo, ao relacionamento dos membros do grupo entre si, como as relações entre pais e filhos, entre esposos, noivos, namorados. Basta comparar o recato de antanho com a desinibição, a desenvoltura e o despudor modernos, para perceber o terreno conquistado pela contestação jovem (no seu conflito com a geração adulta). Rotulando de tabus e de preconceitos burgueses a todos os padrões de comportamento, os jovens derubaram a última barreira que protegia os valores. Tais padrões são, com efeito, em última análise, as formas concretas em que se encarnam os valores de um grupo, em determinada fase de seu desenvolvimento.

Não restavam, assim, maiores resistências que protegessem o plano profundo dos valores contra o ímpeto da contestação juvenil. E os valores foram questionados, foram negados com cinismo, ou com uma sensação de libertação de injunções irracionais opressivas. Valores como a verdade, a lealdade, o respeito à própria dignidade e à digni-

dade alheia, a lei, o direito, a consciência, valores sem os quais parece impossível a vigência de qualquer cultura ou de qualquer regime. Não se trata de infrações a esses valores, com respeito às quais de resto a geração adulta reagiu muitas vezes com uma atitude de insigne hipocrisia e de covarde complacência. Trata-se já da própria negação dos valores como tais.

Segundo a interpretação que chamamos de sísmica, o processo teria seguido de certo modo um sentido inverso. Primeiro teria acontecido uma convulsão sísmica, que abalou o próprio subsolo dos valores. Foi essa comoção subterrânea que determinou, a seguir, o desmoronamento das superestruturas dos padrões de comportamento e das convenções sociais.

Mais importante do que saber qual das duas interpretações é mais pertinente seria descobrir qual o impacto que abalou os alicerces valorativos. A título de hipótese, sugeriria a linha de reflexão desenvolvida por Alvin Toffler, no seu (recente) estudo: "The future shock". Tal impacto teria sido causado pela excessiva aceleração do processo de mudança que atravessamos. No espaço cultural as coisas se passariam como no espaço material. Imaginamos um avião supersônico que acelere a sua velocidade. Ele deve atravessar os mesmos espaços em intervalos de tempo cada vez mais breves. O espaço chega cada vez mais depressa, a ponto de como que se compactar diante do avião como um muro, o muro do som, que é atravessado mediante um choque,

uma explosão. A aceleração dos processos sociais arrasta o homem numa aventura semelhante. O futuro cada vez chega mais depressa, e atinge os alicerces da cultura com o impacto de um choque, de cujo abalo as primeiras vítimas são os jovens sem a resistência de uma experiência sedimentada.

As causas do conflito

Quais terão sido as causas que mais eficazmente atuaram no aprofundamento de uma ruptura que desce hoje até ao nível dos valores?

Distinguiria causas determinantes e fatores agravantes.

A primeira encontro numa aplicação precipitada à educação de algumas teorias freudianas, especialmente as relativas à formação de complexos e recalques. Generalizou-se na educação a idéia de que não se deve negar nada à criança, sob pena de formar complexados e recalcados. O resultado foi, além de todos os complexos e recalques, uma verdadeira demissão da autoridade e da responsabilidade da geração adulta com relação à jovem.

Não é a menor contribuição do estruturalismo de Levy Strauss o fato de ter demonstrado que toda sociedade se baseia sobre alguma proibição. É tão absurda uma educação absolutamente permissiva, quanto é evidente que há momentos em que é preciso dizer não à crian-

ça. As teorias permissivas de inspiração freudiana não levam em conta o paralelismo entre o desenvolvimento biológico e desenvolvimento psíquico. Nós de fato nascemos ao menos duas vezes. No período que precede ao primeiro nascimento, o desenvolvimento biológico se faz por um processo impositivo, sob o comando do organismo materno. A partir, porém, do momento em que destacada do útero original, a criança se afirma como individualidade biológica, seu desenvolvimento obedecerá a processos totalmente diversos. Os pais poderão apenas colaborar com ela para seu desenvolvimento orgânico, oferecendo-lhe os alimentos necessários. A criança já assumiu o seu próprio destino biológico autônomo. Paralelamente, entretanto, uma vez nascida, ela é depositada como que num seio afetivo, no seio da família, onde começa aparentemente seu desenvolvimento psíquico. Sua formação neste período, psicologicamente intrauterino, obedece também a processos impositivos que a equiparão dos hábitos necessários para a vida em sociedade. A entrada na adolescência é o segundo nascimento, pela qual o ser humano se arranca do seio afetivo familiar, para se afirmar na sua individualidade psicológica, para se afirmar como personalidade autônoma. A partir desse momento, os métodos meramente autoritários e impositivos, longe de contribuir para a formação de uma personalidade sadia e equilibrada, servem mais para preparar revoltados ou cínicos. A partir desse momento só há um método eficaz: colaborar com o adolescente para habilitá-lo ao uso responsável da liberdade.

O açoitamento em aplicar as hipóteses freudianas precipitou as etapas. Acontece que um destino humano se decide muitas vezes nos primeiros meses de vida. O bebê tem um admirável poder de intuição, muito antes de poder conceitualizar ou verbalizar. Rapidamente ele intui que suas manhas são soberanas; que, a um simples vagido seu, se precipita junto a seu berço o mundo familiar. Não é uma mera questão de fantasia descobrir uma evolução linear que leva do "enfant gate" ao adulto debochado, passando pelo adolescente desajustado e pelo jovem contestatário.

A segunda causa da ruptura entre as gerações, levanto aqui o tema como uma hipótese para reflexão, poderia ser detectada em certas percepções de M. MacLuhan, e que se formularia nos seguintes termos: as gerações que se defrontam de fato, se movem em espaços culturais diferentes. A geração adulta formou-se num espaço predominantemente visual. Tal predominância impunha um processo de aprendizagem e de informação através do símbolo escrito, da palavra impressa. Nós nos formamos e nos informamos através da leitura que procede recalçando para o plano subliminar todos os dados e permitindo que emergja para o plano consciente um de cada vez: aquele que me é transmitido pela palavra que estou lendo agora. Tal processo exerceu imensa influência sobre as gerações posteriores a Guttenberg. Foi ele que lhes deu um enorme poder de análise, de reduzir os processos complexos a

seus gestos elementares e a recom-pô-los numa repetição indefinida, que é a essência da produção industrial. Foi ele que nos deu o poder do discurso lógico linear. A nossa música é uma racionalidade sonora e a nossa pintura é feita em perspectiva, que é a integração racional do espaço visual. Foi ele também que, possibilitando a fruição individual da leitura, nos isolou em nossos egoísmos eruditos e nos fez perder o hábito da pesquisa comunitária e dialógica.

Os jovens de hoje crescem num espaço cultural diferente: predominantemente acústico e tátil, dentro do qual eles são constantemente e instantaneamente bombardeados por um volume impressionante de informações. Eles perdem cada vez mais a motivação pelo tipo de aprendizagem visual, através da leitura, mas em compensação descobrem de novo a força perquiridora da pesquisa dialógica. Eles estudam em grupos, com o rádio ligado, no volume máximo. Sua música é um conflito de estridências e percussões. Sua pintura não tem perspectiva, não tem preocupação de racionalidade, é uma sonoridade colorida. Como os cegos, que não têm a percepção da continuidade, eles percebem as coisas como uma série descontínua de impactos súbitos. Numa era de locomoção a jato supersônico, sua escala de percepção do tempo e do espaço é profundamente diferente da nossa.

Vivendo em espaços culturais diferentes, as duas gerações não conseguiram elaborar um código comum de comunicações. As linguagens de

ambos são cada vez mais diferentes. Os jovens não só dão conteúdos diferentes aos mesmos símbolos vocais, como criam continuamente novos símbolos para exprimirem vivências que não são mais as nossas.

Entre os fatores agravantes, ocorre-me enumerar, em primeiro lugar, o impacto causado pela difusão das ideologias da contestação radical. A ação devastadora de um pensamento como o de H. Marcuse, e de seus vulgarizadores mais recentes por exemplo, parece-me incomparavelmente maior que o valor de sua mensagem e a redescoberta do poder antecipador das utopias. O estranho é que tais idéias se comunicam como que por osmose. Não são muitos os jovens que lêem os originais ou que explicitam o seu conteúdo até suas últimas conseqüências. A rapidez da difusão, entretanto, se explica pelo paradoxo da situação em que se encontra o jovem contestatário: ele, que revela uma extrema resistência às influências verticais, é de uma extrema fragilidade às influências horizontais. Contra tudo que vem de autoridade paterna, e de todos os símbolos sociais em que ela se encarna, o Estado, a lei, a ordem, o mestre, ele reage com veemência simplesmente porque vem de cima. No entanto, um simples slogan repetido por um colega que leu Marcuse é suficiente para o abalar nas suas melhores convicções.

É evidente que na cultura em que vivemos de meios de comunicação de massa, a mera repressão

é impotente para preservar o jovem das influências das ideologias radicais. A literatura reprimida terá para ele a fascinação do fruto proibido e ele encontrará sempre os canais subterrâneos pelos quais ela circula subrepticiamente. Participará de grupos clandestinos de estudo e a clandestinidade confere à mensagem o poder mágico de se impor sem resistência crítica. O jovem iconoclasta de todos os dogmas e de todos os tabus apenas percebe a intolerância dos novos dogmas pelos quais se deixou cativar.

O importante não é reprimir: o importante é que a geração adulta se ponha a par das novas correntes ideológicas, para discuti-las com os jovens no diálogo franco e leal. Mas os pais não têm tempo! São os agentes apressados do bem-estar familiar.

Refiro-me, a seguir, como agravante do conflito, ao que chamaria a cumplicidade da hipocrisia. A geração adulta alimenta por vezes ainda a ilusão de poder enfrentar a contestação à base da política do "faça o que eu digo, mas não faça o que eu faço". Acontece que a juventude que se rebela contra a autoridade sob todas as suas formas, dedica um verdadeiro desprezo à autoridade sem moral. Reclamando para si a permissividade na qual foi educado, o jovem denuncia com veemência a hipocrisia. Recusa-se a aceitar conselhos, sobre o modo de tratar sua namorada, de um pai que ele sabe que possui uma amante. A defesa hipócrita dos valores ele preferiu sua nega-

ção total. Há uma exigência de autenticidade radical nessa atitude do jovem que constitui por si mesma uma séria e antiga advertência à geração adulta: sem o exemplo é impossível educar. Só os valores encarnados numa vida autêntica têm chance de exercer alguma influência sobre os jovens e de reconstituir a base para o diálogo inadiável.

Enfim, como último fator agravante, chamo a atenção para o que denominaria a impostura do "establishment". É um fator que exerce profunda influência no conflito das gerações das sociedades afluentes, as quais, por sua vez, prefiguram o que já começa a se fazer sentir entre nós. Os jovens acusam a geração adulta pelo fato de se identificar com um "establishment" que não tem a lhes oferecer mais do que um modelo quantitativo de desenvolvimento: o aumento indefinido de valores mensuráveis. Um "establishment" que não tem horizontes além da afluência. Exige-se do jovem que ele aceite um engajamento pelo qual contribua para o aumento do PIS, da renda per capita, da taxa de poupança e de investimento, da produção de energia por habitante, do consumo de aço por habitante, do número de telefones por habitante... Exige-se do jovem, é o que ele imagina, que seja um idiota especializado, capaz de garantir a prosperidade do "establishment", mas incapaz de assumi-lo como objeto de uma reflexão crítica global. Mas ele, o jovem, descobre nisso uma impostura: no fundo se exige dele uma luta sumamente inconfortável, cujo

único objetivo é o conforto. Antes mesmo de poder fruir do conforto, aumentam as probabilidades do enfarte.

As alternativas do conflito

Vejo três alternativas possíveis, como desfecho do conflito, com desiguais chances históricas.

A primeira chamaria a **alternativa explosiva**. Supõe que a profundidade da ruptura entre as gerações tenha chegado a um ponto crítico irreversível. A juventude, nesse caso, partiria para a rebelião, procurando na sociedade global o apoio dos sem esperança, através de um intenso trabalho de conscientização. Seria o caso de uma revolução cultural sem precedentes na história brasileira.

Devo dizer que tal alternativa já foi objeto da opção de certos grupos jovens obcecados infelizmente por um total irrealismo social. Arautos obscuros da revolução impossível, sua opção resultou muitas vezes num gesto suicida. Uma revolução social é uma erupção do povo no cenário histórico. Não é o resultado da ação trêfega de intelectuais frustrados. Ou se faz com o povo, ou não se faz. Acontece, porém, entre nós que o povo permanece absolutamente alienado e indiferente à pregação revolucionária. Participa de um esforço comovente de autopromoção e no mais promissor acontecimento de nossa história social: a organização das comunidades de base. Supera os

egoísmos solitários e familiares e aprende a equacionar comunitariamente os seus problemas pelo confronto entre as necessidades e as possibilidades de sua comunidade.

A segunda alternativa seria a **alternativa recessiva**. Ela se caracterizaria pela recusa, por parte dos jovens, de buscar a superação do conflito no prolongamento do processo civilizatório em que estamos todos embarcados. É a alternativa que corresponde à opção dos "drop-outs", dos jovens decepcionados, envelhecidos precocemente pelo desgaste de todas as experiências autorizadas pela permissividade. Dos jovens que vão buscar nas drogas e nos entorpecentes o alibi das responsabilidades que não têm forças para assumir. Dos jovens que buscam em novas formas de vida comunitária uma sensação de liberdade e de identificação, que lhes nega a truculência da vida competitiva oferecida pelo "establishment" e dos quais as experiências "hippies" constituem a expressão mais típica. A mensagem dessas experiências têm um aspecto válido, enquanto denunciam uma sociedade fundada neste relacionamento competitivo, que leva a ver no outro exclusivamente o rival ou o instrumento de suas ambições e torna difícil, ou até arriscado, o relacionamento fraterno e cordial.

O mínimo que se pode dizer, entretanto, da opção recessiva é que ela é uma resposta falsa a um problema real. Falsa porque também ela sucumbe a uma impostura: a de pretender contestar um "esta-

blishment" do qual ela precisa para sobreviver. Ninguém brinca de "hippie" na pobreza do Nordeste. Devido a esta impostura, a contestação "hippie" vai se esvaziando de sua força, reduzida pelo próprio "establishment" a uma espécie de atração turística: paga-se para ver.

Se nas sociedades afluentes a opção recessiva tem esta nota de inautenticidade, é fácil de perceber quanto ela é mais estridente no contexto brasileiro, cuja juventude não sofreu os traumas da infância dos jovens contestatários, por exemplo, europeus. Estes emergiram para a vida no meio das ruínas de uma guerra que constituiu por si mesma o mais trágico espetáculo de violência e de violação de todos os valores humanos. Se não se justificam, ao menos se podem compreender as atitudes aberrantes da juventude que cresceu neste contexto. No caso, porém, da juventude brasileira, tais atitudes assumem o caráter de uma irremediável inautenticidade, e de puro mimetismo social.

A terceira alternativa, enfim, seria a **alternativa processiva**, que se caracterizaria pela superação do conflito e reencontro das gerações, no diálogo leal, na redescoberta de valores comuns e na convergência de esforços para um projeto solidário que respeite a colaboração específica de cada uma delas. Creio que esta alternativa tem ainda por si as melhores chances, mas tenho também a certeza de que é a que exigirá da geração adulta os maiores sacrifícios. Mas eles valem a grandeza do objetivo.

Já entre nós, dentro da própria juventude, se pode notar uma clivagem cada vez mais nítida entre camadas distintas. A faixa de idade dos que atingem hoje os 15 anos traz um conteúdo ideológico profundamente distinto do daqueles que se politizaram nos inícios da década dos 60. Por outro lado, o espaço social no qual esta faixa emerge para a juventude, passou por transformações tão grandes que invalidam ou tornam obsoleta a experiência educacional até agora adquirida. Os pais que educaram seus filhos, hoje com 20 anos, se sentem desorientados para enfrentar a educação de seus filhos de 12 ou 15 anos.

A chance histórica da alternativa processiva dependerá de vários fatores.

A geração adulta, especialmente os pais, deverá mudar a imagem que, com ou sem razão, dela se faz a geração jovem. Os pais muitas vezes são meros agentes apressados do bem-estar familiar. Devorados pelos compromissos profissionais, não têm tempo para o diálogo descontraído com seus filhos e muito menos para preparar-se para este diálogo. Atropelam, assim, aquele momento talvez irremediavelmente perdido, em que o filho ou a filha se aproximaram para uma confiança decisiva. São devoradas pelo urgente; não têm tempo para o importante.

A geração adulta deve recuperar, quando perdida, a autoridade moral erodida pela hipocrisia. Devem saber exercê-la com tato, firmeza e dignidade.

A geração adulta deve se demonstrar tão empenhada como os jovens na realização do ideal de uma sociedade próspera, mas fundada sobre um relacionamento de justiça, de amor e de paz. Deve saber, com a geração jovem, explicitar este ideal em projetos concretos capazes de mobilizar o seu dinamismo e permitir-lhe descobrir uma nova significação essencial para sua vida.

Os jovens de hoje fazem a experiência exaltante de um "surf" na

crista de um movimento oceânico, que divide duas culturas, duas civilizações, talvez duas eras da história humana. Mas no fundo eles sentem medo. Eles se sentem sitiados por uma nova forma de solidão em que os lançou o conflito das gerações. Todos os sacrifícios valem o esforço de nos aproximarmos deles, quanto mais não seja porque, queiramos ou não queiramos, é entre eles que mora a esperança.